

Sábado. Oleo sobre tela de Fred Kamil, exposta no Teatro Carlos Gomes



Cristina Mainardi ao lado de uma de suas composições sobre casarios. Nanquim e aquarela

## Mostras abertas na cidade

**Carlos Chenier**

Dois mostras foram inauguradas nesta semana, uma na Santa Luzia e outra no hall do Teatro Carlos Gomes. Na primeira, quem expõe, é a desenhista capixaba, hoje radicada em Minas, Cristina Mainardi Lopes e no outro espaço o libanês Fred Kamil. Continuam abertas à visitação pública a mostra 27 Anos de Universidade no Espaço Universitário e pinturas de Dan Mendonça, na Homero Massena. Cristina Mainardi Lopes é formada pelo Centro de Artes da Ufes. Hoje vive na cidade de Pouso Alegre, Sul de Minas, cidade na divisa de São Paulo, casada e mãe de dois filhos. Nota-se que esta artista não perdeu o contato com o desenho e a aquarela, pois seus trabalhos são de uma sobriedade e uma beleza muito grandes. Usa como motivação casarios, onde o exercício do bico de pena em nanquim realça nesta paisagem urbana mas barroca os

artefícios da própria arquitetura tão comum nas cidades de Minas. Cristina, que se assina Cris, trouxe cerca de 24 trabalhos em tamanhos variados, montados em vidro e com molduras metálicas que dão harmonia ao trabalho sobre o papel. Ela os vende a preços que vão de Cr\$ 4 a Cr\$ 6 mil.

**VIGOR**

Fred Kamil é libanês de nascimento mas vive em cidades européias, onde vende seus trabalhos ao preço de dólares. Está no Brasil há cerca de 60 dias, visitando parentes, em Minas e no Espírito Santo. Realiza uma mostra de vigor dentro da escola expressionista, onde é um pintor de grande sensibilidade e expressão plástica.

Sua temática é a temática universal do ser humano aglomerado nos grandes centros populacionais. Há sempre o aspecto social e não político em sua obra. Quando tece com a imagem considerações, critica

não uma determinada circunstância referencial a um determinado país, mas a todos os países dentro de um sistema mercantilista.

Uma boa opção para visitação. Este espaço alternativo abre diariamente das 13 às 18 horas e a mostra fica até meados do próximo mês.

Na Homero Massena, quem expõe trabalhos em óleo sobre tela colada ao eucatex é Dan Mendonça. Trata-se de um artista criativo, que elabora seu trabalho desde a feitura da própria base onde realizará sua obra até o emolduramento dos seus trabalhos.

Sua temática é surrealista, mas Dan se renova anualmente nas suas proposições de criação e, usando a própria tela, a divide em vários planos onde surgem paisagens lunares, planetárias, fantásticas ou paisagens extremamente bucólicas, onde surgem pipas, fios, árvores e símbolos femininos.

O uso da cor na pintura de

Dan jamais adquire tons agressivos, mesmo quando explora o negro ou o vermelho. Seus trabalhos estão sendo vendidos por preços bem abaixo do real valor de seu trabalho.

No Espaço Universitário continua até sábado a mostra 27 anos de Universidade. É uma amostragem documental de fotografia, onde se encontram as gratas surpresas do recente passado da Ufes. A mostra objetiva chama a atenção da comunidade universitária para a necessidade de se organizar um núcleo documental para pesquisa e para preservação da memória da própria vida universitária.

Em Vila Velha, na Roseronner, mostra coletiva de artistas plásticos em comemoração à data de Colonização do Solo Espírito-Santense. Ali, entre outros, exibem trabalhos crocob, Diana Pombo, Galvêas, Ronner, Padilha, Renata Hintze e outros. Há desde a cerâmica à técnica de fotografia. A mostra termina neste final de semana.

## artigo

Amylton de Almeida

### "Gilda" e os tempos

É realmente engraçado como a condenação social e a censura se modificam com a época. Em 1946, no Brasil praticamente não existia censura ao cinema. As próprias famílias, então muito zelosas, se encarregavam de censurar os filmes para seus diletos e ingênuos filhos, que só podiam assistir, mesmo, às matinês. O filme Gilda (que a TV GAZETA exibe segunda, às 23h30m) modificou este panorama.

O cartaz dizia: "Nunca houve uma mulher como Gilda". Numa famosa seqüência, Rita Hayworth retirava suas luvas negras ao dançar e isto foi tido como o máximo da audácia. As famílias protestaram, o governo de repente percebeu que a democracia havia deixado margem a que os segmentos mais reacionários da sociedade protestassem contra "a dissolução dos bons costumes". Hoje, Gilda é apenas um filme ingênuo, sobrevivendo mais pela beleza e pelo empenho de Rita Hayworth.

Agora, quando se fala em volta à democracia (embora ainda num sistema que não permite a multiplicidade e a crítica, elementos básicos), estão de volta os abaixo-assinados (vocês se lembram de um muito famoso pedindo ao Papa para não permitir o divórcio no Brasil?), pedindo providências contra "a licenciosidade e a obscenidade nos meios de comunicação".

Isto quer dizer que a TV está sendo observada, assim como nossas — vamos dizer — ingênuas pornochanchadas (na verdade, reacionárias e mantenedores da ideologia da baixa classe média). No fundo, nossas pornochanchadas não passam de brincadeiras provocando a abertura. Ninguém faz sexo em nossos filmes, mesmo o comportamento sexual mais heterodoxo é sempre criticado pela "moral" final, sob a idéia de que o sexo fora do casamento é pecado e, portanto, digno de punição. Não é uma idéia velha, da Igreja católica dos anos 50? Todas as nossas pornochanchadas pensam assim, por trás daqueles corpos nus se esfregando.

Talvez vocês não estejam acompanhando, mas o novo episódio do Sítio do Picapau Amarelo (O Fazedor de Milagres) é um texto, quase didático, sobre o arbítrio, a perseguição à livre manifestação artística. O programa está sempre querendo dizer o óbvio: mudam os regimes, mas a mensagem da arte continua. Não é só por coincidência que o livro mais vendido no Brasil se chama A Caça às Bruxas, de Lillian Hellman, sobre o período macartista dos anos 50, que ameaça retornar, por causa do apoio da "maioria branca moral" dos Estados Unidos às idéias mais reacionárias.

Também lá, se faz uma campanha contra "o sexo e a violência na TV".

BR. TBES. C. 479 16

### Uma opção para as crianças, às 16 horas

O URUBU QUE CANTAVA (hoje e amanhã, às 16 horas, no Teatro Carlos Gomes) — Peça infantil de Bob de Paula. Montagem dos grupos Mutirão e Da Barra. Produção: Marinela Venturim De Paula. Direção: Bob De Paula. Vestuário: Bob e Marinela. Iluminação e somplastia: equipe do teatro. Elenco: Bob de Paula (apresentador), Alberto Bittencourt (Procópio), Auréa Bittencourt (Flávia), Urubulina, Urubu I, Elizete Possatti (Idona Linguona e Urubu 2), Daisy Mara Batista Silva (Idona Bateboca e Conselheiro), Nelcimar Ribondi (Urubu-rei), Hudson Castelo Bonfim (macaco), Denise Javeaux do Amaral (Garça), Antonio Rubens Decotignies (Urubulino) e Fabricio Rubiale (Urubulino-Bebê).

Provavelmente este é o último fim de semana que esta peça será apresentada no Carlos Gomes, devendo ser mostrada em outros locais a partir da próxima semana. Fala de um urubu que nasce com uma pena branca. Ele se julga melhor que os outros e que é capaz de "cantar". O macaco e a garça colaboram para esse objetivo. E o urubu convoca o povo para elegê-lo o rei dos animais de sua espécie.

Bob de Paula escreveu anteriormente a peça infantil A Sereia de Meipe, que, como esta, era baseada em lenda capixaba. Ele diz que seu propósito é "divertir e alegrar o público infantil" e pretende também homenagear o urubu, "este tão conhecido (e às vezes esquecido) personagem dos céus brasileiros". O autor revela que foram acrescentados ao texto original números de música e dança e que a montagem, realizada "a partir da realidade teatral capixaba", dispensa recursos técnicos de maior complexidade.

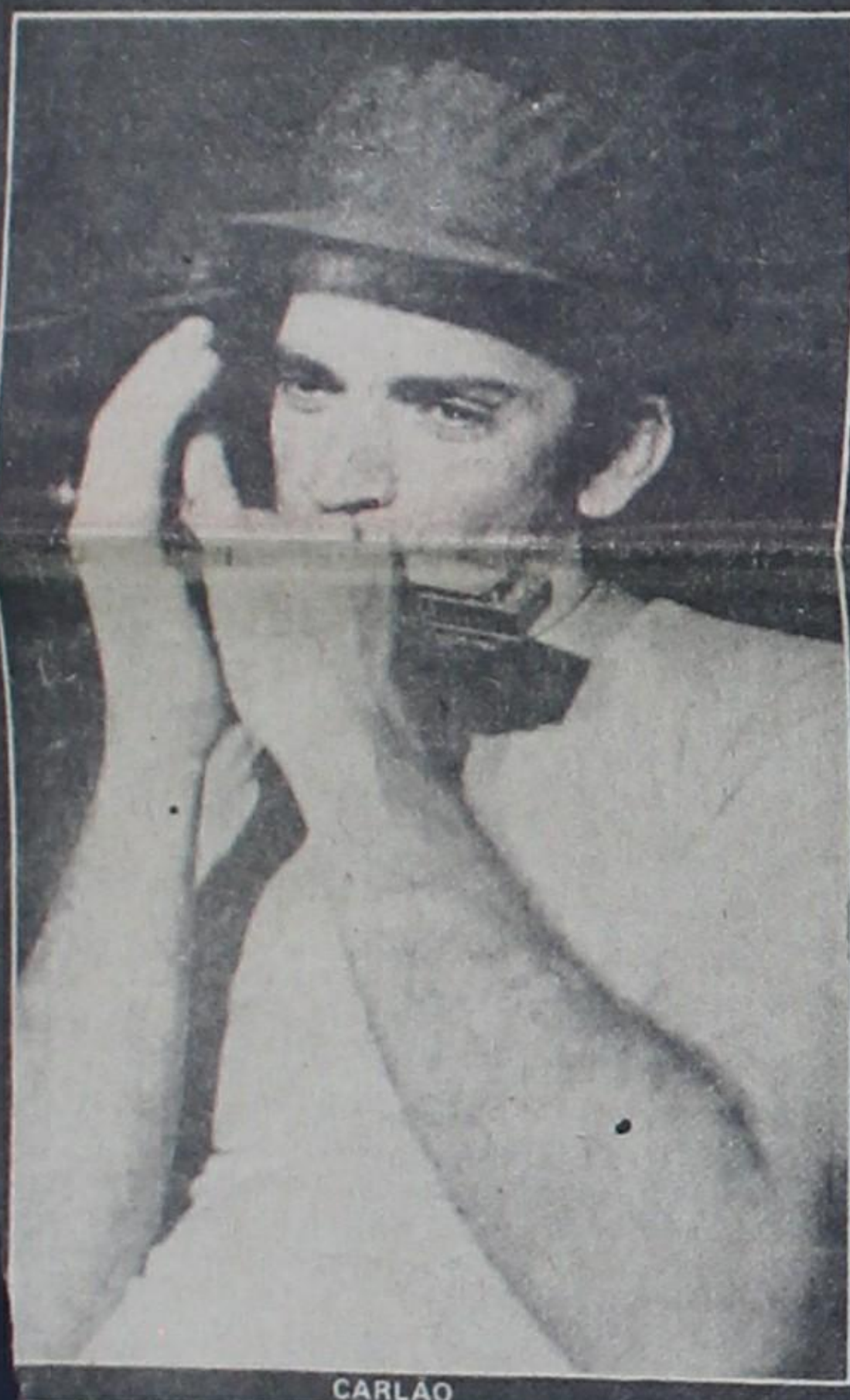
### Peça de Linhares estréia hoje no Teatro-Estúdio

UM ATO QUE VIROU DOIS ATOS (hoje e amanhã, às 20 horas, no Teatro-Estúdio, 10º andar do edifício das Fundações, ao lado da Assembléia Legislativa, Cidade Alta) — Peça de Cláudio Guimarães Lins. Montagem do Grupo Cena II, de Linhares. Produção e direção do autor. Cenários e figurinos: o grupo. Assistente de direção: Wregson Risperi. Elenco: Ana Cláudia Segall, Robson Rogério, Reuter Nandes, Geminiano Neto, Noemi Rodrigues, Benildo Zamperlini, Neu Seidel, Nivia Risperi, Cláudio Guimarães Lins.

O grupo linharensense está realizando uma excursão com esta peça, já tendo se apresentado em São Mateus, Bananal e irá ainda a Aracruz e Colatina. Com base em Ato Cultural de José Ignácio Cabrujas, Cláudio Lins escreveu uma comédia. A peça mostra a reunião de uma academia cultural que se intitula responsável pela cultura de um município de interior. Como a entidade comemora seu 50º aniversário de criação, escolhe-se uma peça, Cristóvão Colombo, o Genovês Alucinado para encenar. O autor diz que Um Ato que Virou Dois Atos é uma sátira aos chamados "donos da cultura" e aborda também as dificuldades de se fazer teatro no país. Há um trecho da peça em que não existem falas e isso possibilita que os atores improvisem vontade em cima de situações "fazendo com que cada estalado seja algo inteiramente novo".

Cláudio Lins já escreveu peças adultas Vacas Loucas, Um Dia Antes do Mundo se Acabar e O Grande Passaro e infantis A Franga Maluca Gambá, o Comissário de Bicharada e O Circo do Ceu. Cláudio é carioca, tem 31 anos, faz teatro há dez anos. Em 1979 mudou para Linhares e iniciou movimentação cultural da cidade, atuando em teatro e música.

Tinoco dos Anjos



CARLAÃO



ROGÉRIO



CÉSAR



WILSON



MR. TONY

## No Carlos Gomes, hoje e amanhã, um show do grupo capixaba Vento Sul

**CASA DE POETA** (hoje e amanhã, às 21 horas, no Teatro Carlos Gomes) — Show com o Grupo Vento Sul, de Vitória. Com Carlaão, Rogerinho Borges, César, Wilson Leão, Mr. Tony e Cabelo. Convidado de hoje: João Pimenta. Convidado de amanhã: Gilson Martins. Ingressos a Cr\$ 100,00. Iluminação Ary Roas. Direção: Renato Sandino.

O grupo, segundo informam seus integrantes, pretende tocar pelo interior do Estado, com a intenção de divulgar as músicas e conquistar o público capixaba, visando gravar, futuramente, um disco independente e já contar com este público. As músicas são as mais brasileiras, sofrendo, contudo, influência de ritmos latinos, clássico e sertanejo.

Carlaão é natural de Cachoeiro de Itapemirim. Foi morar no Rio, onde começou em festivais estudantis em 1973, conseguindo vencer três destes, incluindo

um primeiro lugar. Voltou a Vitória em 1976, integrou com Slauduarte Sá, o Grupo Saveiros, fazendo apresentações em Vitória e Bahia. Participou dos festivais de Alegre, Montanha. No Festival de Música Popular. Capixaba, no ginásio Dom Bosco, classificou a música Itaúnas em quarto lugar, ficando o Grupo Vento Sul com o prêmio de melhor intérprete.

No grupo atual, Carlaão compõe e toca gaita, craviola e canta. Segundo Carlaão, o nome do show, Casa de Poeta, "surgiu durante os ensaios e composições e é uma homenagem à casa onde o pessoal se reunia para transar música e falar sobre tudo. Sentimos que o ambiente era puro; sentíamos música e poesia no ar e demos este nome em homenagem a esta casa, que acreditamos ter o mesmo clima das casas dos poetas, músicos e pessoas de sensibilidade em todo mundo. Nossa música fala da na-

tureza e das coisas da terra. No repertório deste show, apresentamos Ilha do Mel, Vento Sul, Trabalho (Ladeira), Itaúnas, Fuga, Ventania, Fê, etc".

Rogério Borges teve sua primeira experiência no show 1,5, quando tocou com Lula, Heráclito e Elias Borges e integrou também o conjunto Saveiros. Compõe músicas para teatro, tendo musicado as peças No Reino do Rei Reinante, Vamos Jogar o Jogo do Jogo?, Terror e Misérias do III Reich. No Vento Sul, compõe e toca violão. Rogério diz: "Acho que estamos no caminho certo, fazendo músicas brasileiras, evocando músicas referentes a motivos regionais".

César é de Viana e começou tocando sanfona com o pai, passando depois para o violão. Já participou de serestas em boteco e shows com músicos de diversas tendências, tendo se aperfeiçoado também no

Começou a compor harmonias com Carlaão em 1976 e desde então permanecem juntos. "Minha principal virtude — admite — é a criatividade harmônica, tanto que os ensaios dos vocais do grupo ficam por minha conta. Fui eu que musiquei a letra de Braço Sul".

Wilson tocou com diversos grupos de baile em 1974. Há dois anos começou a se apresentar apenas em shows, tocando com artistas de outros Estados, como Joyce, Sônia Lemos. No Vento Sul, toca contrabaixo, fazendo seus próprios arranjos.

Mr. Tony tocou com vários grupos de baile como percussionista. Tem muita noção de ritmo e habilidade com as tumbas. É conhecido dos frequentadores da noite capixaba, pois já atuou muitas vezes como discotecário. Define as músicas do Vento Sul como "ricas em ritmo e animação, o que é meu forte".